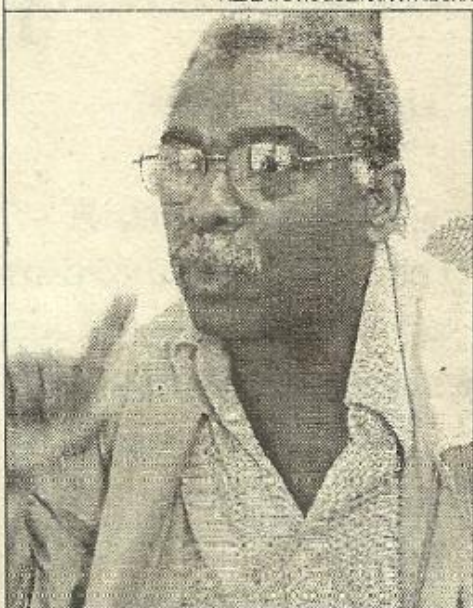


Rio Branco, sexta-feira, 09 de setembro de 2005

SECAS, ENCHENTES E QUALIDADE DE VIDA

ALBERTO NOGUEIRA / ATRIBUNA



Estamos vivendo dias que nos parecem únicos, sem precedentes, em relação com as manifestações do clima. Nos referimos a uma seca prolongada no leste do Acre. Desde o dia 27 de maio não chove nesta região.

Aproveitando essa prolongada seca, as queimadas florestais e urbanas no Acre aumentaram consideravelmente. Coincidem assim a falta de água e a falta de ar puro. Água, ar, terra e fogo: falta de água, ar poluído e terra seca, por um alado, e fogo pelo outro,

cercando a gente.

Temos estudado junto com a população, que esta situação é recorrente, e de extremos, por exemplo, a água pode vir demais e então acontecer às enchentes. Os ventos podem ser demais e destelhar nossas casas. Estamos entendendo que tanto as manifestações naturais do clima da região, quanto às alterações sazonais introduzidas pelas atividades humanas (queimas, derrubadas) estão caracterizando os nossos ambientes.

Hoje se distinguem no Acre três sub-tipos climáticos: um próprio da região do Vale do Juruá, onde no mês mais seco do ano (julho) chove mais de 60 mm; outro sub-tipo próprio da região do Vale do Purus onde no mês mais seco do ano (julho) chove entre 30 e 60 mm; e um outro sub-tipo próprio da região do Vale do Acre, leste do Acre, onde no mês mais seco do ano (junho) está chovendo cada vez menos, entre 0 e 30 mm.

Há trinta anos, nos primeiros cinco anos da década dos setenta, a acentuada presença da seca também existia. Naquela época a população do Acre não alcançava duzentos cinquenta mil habitantes. Hoje está em torno de quinhentos mil. Evidentemente por isso, as demandas por água não eram como hoje e a população se via menos afetada.

Recentemente nosso grupo publicou na Revista Brasileira de Meteorologia os resultados de uma pesquisa onde se mostra que a tendência do volume anual das chuvas no Vale do Acre desde 1990 é de diminuição. Até que patamares e até quando se estenderá essa tendência?, não sabemos. O que influencia esse comportamento?, também não sabemos.

Temos hipóteses. Certamente um dos mecanismos naturais que pode estar se manifestando cada certo tempo é o fenômeno "El Niño" provocado pelo aquecimento das águas do oceano Pacífico próximo às costas do Peru. Mas também, sem dúvida, influencia apreciavelmente a devastação da floresta no Arco do Desmatamento da Amazônia, em particular, em Mato Grosso, Rondônia e leste do Acre.

A atividade de queimadas, que provoca grande poluição na atmosfera regional atrasa a chegada do período chuvoso,

da maneira como está acontecendo. No Acre, agosto é o primeiro mês indicador da transição entre a seca e a estação chuvosa, mas não choveu neste agosto. Em setembro deve chover em torno de 100 mm, mas passada a primeira semana deste mês ainda não choveu.

A seca prolongada faz com que exista pouca disponibilidade de água no solo e na vegetação, com isso a evaporação é reduzida. Pouco vapor de água no ambiente seco e

A atividade de queimadas, que provoca grande poluição na atmosfera regional atrasa a chegada do período chuvoso, da maneira como está acontecendo

muitas partículas finas de fumaça no ar. O pouco vapor de água que se condensa sobre essas partículas finas não alcança o peso suficiente para cair em forma de chuva, daí mais falta de água, mais escassez de vapor de água e menos chuvas.

Mas as chuvas virão com nuvens empurradas pelos ventos desde outras regiões ou com a chegada de outras frentes frias já fora de época. E aos poucos o solo, a vegetação e o ar estarão mais úmidos e se estabelecerá a estação chuvosa, cada vez mais tardiamente, acentuando a tendência para a escassez de água a cada ano.

Mas o clima tropical é muito variável em quanto às precipitações de um ano para outro, e em médio dessa tendência de redução das chuvas, também acontecem grandes volumes de chuvas em qualquer ano.

A população crescente padece as doenças sazonais que vêm com a seca, a poluição e também as que vêm com as chuvas.

Os números de internações e mortes são alarmantes. Durante todo o mês de agosto passado a concentração de fumaça que afetou à população quase diariamente foi superior até em três vezes o estipulado nos padrões do Ministério de Meio Ambiente para só um dia. Quer dizer que tal afetação prolongada, de dezenas de dias sob a influência da poluição do ar extremamente alta, é uma situação impensada cujas conseqüências estão à vista de todos constituindo violações de normas ambientais.

Tem quem acredita que a fumaça que respiramos não é daqui. A fumaça é um fenômeno regional. Acre envia fumaça para o Estado do Amazonas, para Rondônia e para a Bolívia. E também recebe desses lugares. Mas não é difícil observar que sem o aporte local de fumaça a partir das queimadas urbanas e da biomassa florestal do próprio Acre, as concentrações de fumaça não violariam os padrões de qualidade do ar da forma em que acontece. Temos análises sobre esse assunto e podemos compartilhá-los.

Todos devemos contribuir para que situações extremas que afetam à população não aconteçam. Inclusive com idéias para serem discutidas. Tudo se resolve com educação e renda. Como ambas as coisas estão em falta gravemente na região, os problemas não vão se resolver tão cedo.

Já tive ocasiões de expressar a necessidade de criar grandes reservatórios (lagos) a partir dos quais se modernize a captação e distribuição otimizada da água para o consumo. Esses lagos podem servir também para a pesca, o esporte e o lazer. Serviriam para prevenção de enchentes e reduzir os efeitos da seca. Uma obra muito cara de engenharia ambiental de planejamento para soluções definitivas em longo prazo, de grande impacto na qualidade de vida.

Quanto às queimadas e o desmatamento, a devastação vai avançando do leste para o oeste do Acre. Ao sul do Amazonas desde Boca do Acre, e ao norte e sul da BR 364 no seu curso para Cruzeiro do Sul já são evidentes os sinais de antropização que vêm ocorrendo.

Mas, estamos otimistas, porque também é evidente que muitos órgãos, instituições e a população estão cada vez mais envolvidos em superar desafios para fazer do Acre um estado, consciente de seus problemas, gerador de soluções; e com a meta de derrubar, não a floresta, mas os péssimos indicadores de qualidade de vida que freiam nosso desenvolvimento.

*Dr. Alejandro Fonseca Duarte
Coordenador do Grupo de Estudos e Serviços
Ambientais – AcreBioClima
Universidade Federal do Acre (Ufac)*